

Presidente do Eximbank japonês considera México e Chile modelos

por Getulio Bittencourt
de Nagóia

"O México e o Chile se tornaram modelos de sucesso no ajuste econômico estrutural para a região latino-americana como um todo", afirmou o presidente do Eximbank do Japão, Mitsuhide Yamaguchi, em seu discurso na sexta-feira sobre os desafios da iniciativa privada nos anos 90, promovido pelo Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID).

O mapa da América Latina traçado por Yamaguchi é curto, começa no México e acaba no Chile. "Se isso é verdade, precisamos mudar o mapa", disse o presidente do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), Eduardo Modiano.

Mas Modiano discorda. Um dia antes, apresentando o programa de privatização brasileiro a 40 presidentes de associações do Keidanren, a poderosa federação das indústrias japonesas em Tóquio, o presidente do BNDES ouviu uma pergunta do próprio Yamaguchi: "O que podemos fazer para ajudar a privatização no Brasil?"

Dinheiro. A resposta de Modiano foi rápida. "O Japão pode ajudar a financiar investimentos nas empresas privatizadas, sobretudo naquelas onde já aplicou capital", acrescentou. O mapinha de Yamaguchi, exposto em seu discurso de sete páginas no hotel Nagoya Castle, também não impressionou outros observadores.

"É o que estão dizendo,

Encontro foi satisfatório

por Getulio Bittencourt
de Nogoya

O presidente do BNDES, Eduardo Modiano, ficou satisfeito com seus encontros em Tóquio com os presidentes da Kawasaki, que tem uma participação na usina de Tubarão, e da Nippon Steel, que é sócia do País nas Usiminas. O banco precisa do acordo das duas empresas para incluí-las

no programa de privatização siderúrgico.

"Ainda falta definir pequenos detalhes, mas estamos com o acordo quase fechado", disse ele. O presidente do BNDES aproveitou sua visita ao Keidanren, a federação das indústrias japonesas, para pedir o apoio de empresários e do presidente do Eximbank, Mitsuhide Yamaguchi, no convencimento dos dois sócios.

mas não é verdade", garante Márcio Fortes, presidente da João Fortes Engenharia e um dos conferencistas no evento. "A economia do Japão é muito grande. O Chile é muito pequeno, e o México, é difícil imaginar que os mexicanos e os japoneses possam se entender. O Brasil, por outro lado, tem a maior colônia japonesa fora dessas ilhas."

AMBIENTE DEVE SER ATRAENTE

O presidente do Eximbank japonês deixou claro que sua admiração pelo sucesso das reformas no México e no Chile se fundamenta na estabilidade obtida. "Para que o capital estrangeiro possa fluir, o ambiente doméstico de negócios precisa ser atraente. A desregulamentação dos investimentos estrangeiros é apenas uma parte embora essencial, desse ambiente favorável", ensina. Consis-

tência e continuidade das políticas econômicas são essenciais.

"Para se entender como o capital japonês flui, é preciso ver que historicamente eles investem lá fora naquilo que não têm aqui", observa o presidente da SRL-M Trading, uma empresa de São Paulo que é sócia do grupo japonês Marubeni, Ivo Pereira Oliveira Filho. "Eles aplicaram em alumínio e ferro no Brasil, por exemplo.

E acredito que continuarão investindo, assim que perceberem alguma estabilidade na economia do país."

Os próprios japoneses presentes em Nagóia entendem, no entanto, que o presidente do Eximbank falou exatamente o que pensa. "Devido às condições econômicas atuais, é verdade que os empresários japoneses pensam agora sobretudo no México, e

muito secundariamente no Chile", concorda um professor da Universidade Sophia de Tóquio, Kotaro Horisaka, que no momento prepara um livro sobre a economia brasileira.

"Os empresários do Japão falam do México e do Chile, hoje, mais do que no Brasil", concorda um repórter do Chunichi Shimbun de Nagóia, Yasuhiro Shirai, "mas isso é natural, porque são duas economias no momento mais estáveis."

TOYOTAS

Outra estrela do seminário, o presidente da Toyota, Soichiro Toyoda, foi mais diplomático. Lembrou que por vários anos foi cônsul honorário da Costa Rica, em Nagóia, e no momento participa de um conselho de empresários que auxilia o programa de atração de investimentos estrangeiros do presidente da Venezuela, Carlos Andrés Pérez. Citou as fábricas da Toyota no Brasil, Peru e Venezuela, e os veículos da companhia produzidos sob licença em Trinidad e Tobago, Uruguai e Equador.

Toyoda está otimista. Vê o mundo à sua volta mudando para melhor, com o colapso do comunismo na Europa Oriental e na União Soviética. "Entre esses desenvolvimentos, nações da América Latina e do Caribe estão adotando políticas ousadas. Estão afirmando um novo ou renovado compromisso com a democracia, a livre empresa e as trocas econômicas. As tensões mundiais são encajadoras."